CERRADO

A SAVANA BRASILEIRA

ALBERTO ORTENBLAD

CERRADO

A SAVANA BRASILEIRA

Ilustrações de Walter Junior

ALTA MONTANHA

Copyright © Alberto Ortenblad Filho

Capa e diagramação: Walter Junior

O77t Alberto Ortenblad
Cerrado - A Savana Brasileira / Alberto Ortenblad. 1. ed -
São Paulo, SP: Clube de Autores Brasil, 2021.
-pp.; 21 cm

isbn: 978-65-00-15068-1

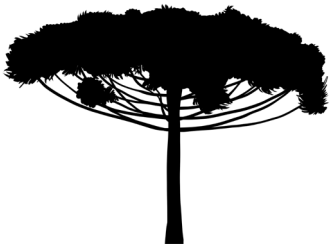
1. Regiões naturais – Brasil e Exterior, 2. Parques naturais brasileiros,
3. História – Brasil e América espanhola, 4. Indígenas brasileiros,
5. Matemática, física e astronomia, 6. Ficção cômica e fantástica

CDD 910
CDD B869

CAPA: Chapada Diamantina (Fonte - Márcio Cabral)
CONTRACAPA: Vereda (Fonte - WordPress)

Outros livros do autor: Travessia nos caminhos da natureza
Madrugada no rumo do sol
Moraina entre a rocha e o céu
Palmeira a árvore da vida
Arenito a rocha do Brasil
Mosaico em defesa da natureza
Granito do interior da terra à busca do céu

Este livro pode ser encontrado na Amazon ou no site do Clube de Autores.
O autor escreve coluna no site Alta Montanha e artigos no jornal Mountain Voices.
Alguns dos nomes foram alterados para resguardar a identidade dos personagens.
O e-mail do autor é ortenblad@terra.com.br.



Araucária

Atrás da família principal de pais e irmãos, existe outra, de tios e primos. Na minha infância, só convivi com os primeiros, os primos apareceram bem depois. E, também, apenas pelo lado materno. Muito mais tarde, conheci meu tio paterno, e me vi mais parecido com ele do que com meu pai. Sem exceção, tiveram todos por mim um imenso carinho, de que muitas vezes não me achava merecedor e que não retribuí na mesma medida. Tanto tempo passou, quase todos se foram. A eles dedico o livro.

Sumário

1. Nunca o Mesmo 9
2. Mundo 17
3. Duas Conquistas 23
4. Histórias do Ribeira 29
5. O Chaco 35
6. Guerreiros 41
7. Paradoxos 49
8. Kaapores e Pankarus 61
9. O Ativista 75
10. A Caça 89
11. Cronistas Coloniais 91
12. O Presente 103
13. O que é uma Galáxia? 113
14. O Catimbau 123
15. Esbelt 131
16. Sete Cidades 137
17. A Proeminência 143
18. Araguaia 147
19. As Garcelinas 157
20. O Elefante e o Gavião 169

1
Nunca o Mesmo

I

É comum o progresso se afastar das regiões de nosso passado histórico, movendo-se para lugares mais dinâmicos – e deixando cidades e naturezas muitas vezes preservadas pelo abandono. Este é, até certo ponto, o caso de Goiás Velho, que mesmo tendo sido a capital goiana, permaneceu uma vila pequena, e da Serra Dourada, que foi protegida pela aspereza do cerrado e pelo parque criado à sua volta.

Depois que o ouro de Minas e de Cuiabá foi descoberto, a ideia renascentista - de que os filões minerais se dispunham em linhas paralelas ao equador – criou a suspeita de que, entre esses dois pontos ao sul e ao norte, também deveria haver muitas riquezas.

Como resultado, os bandeirantes decidiram organizar investidas ao território ao norte de Minas e ao sul do Mato Grosso, onde hoje é Goiás. Delas resultaram a descoberta e a tomada das minas de ouro dos índios goiases, que foram extintos dali mais rapidamente do que o próprio metal foi exaurido.

Goiás Velho deve sua origem a esta busca do ouro, que levou Bartolomeu Bueno (o Anhanguera) a fundá-la. A cruz do seu assentamento está bem no centro da cidade, no local onde o bandeirante teria naufragado, ao cruzar o Rio Vermelho. Ele havia chegado ao Araguaia e ficara curioso pela cor avermelhada da foz do rio, que decidiu então subir navegando.

Todo ano por dois dias o governo do Estado de Goiás é instalado lá - a cidade volta a ser, simbolicamente, a capital, como antes foi por dois séculos. Conheci esta vila muito tempo atrás, quando minha profissão, minha esposa e minha vida eram outras. Goiás era uma vila acanhada, que havia sido esquecida no tempo, pouco participando do progresso do Estado.



O casario tradicional de Goiás Velho, uma vila que atravessa toda a história goiana, situada entre o Rio Vermelho e a Serra Dourada.

Ela foi quem sabe salva pela terrível inundação do Rio Vermelho, no último dia de 2001. Além de muitas casas, o rio destruiu a igreja que ficava onde hoje está a Cruz do Anhanguera – de uma inundação anterior, diziam que seu sino era tão grande que por horas a população ouviu suas badaladas, até desaparecer no rio. A catástrofe levou à reconstrução da cidade e dizem que a um novo orgulho e união entre seus moradores.

II

A Serra Dourada fica próxima a Goiás Velho, havendo um parque natural no seu entorno. Suas escarpas em arenito costumam refletir à tarde a luz do sol, com uma coloração alaranjada lembrando o ouro que deu origem à cidade e nome à serra. As razões do Parque foram a proteção das nascentes que nele se originam e a preservação da vegetação de cerrado que o recobre.

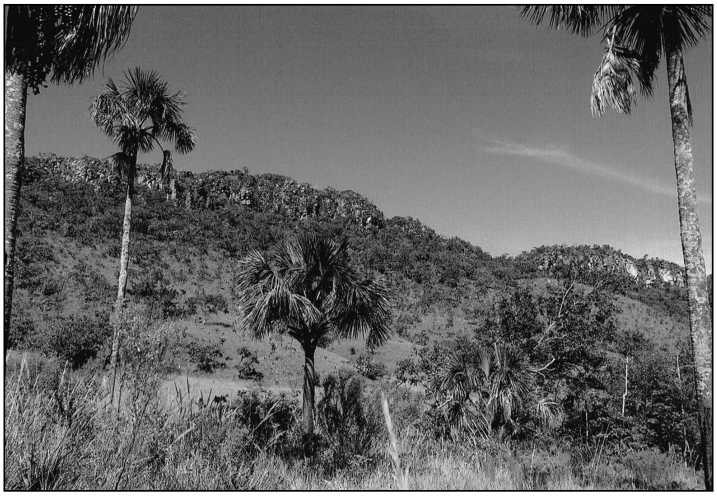
O Parque parece ter sido criado com um tamanho maior do que o atual, que é hoje pouco menor do que 30 mil hectares. A razão é que suas encostas são disputadas pelos fazendeiros, cujas propriedades avançam às vezes para cima, em direção à crista da serra.

Os contrafortes da serra abraçam a antiga capital, e é exatamente

neste trecho que o Parque se mostra mais largo. Fora disso, ele é praticamente um retângulo estreito que corre no sentido leste-oeste. A localização de Goiás Velho é muito bonita, envolvida de um lado pela Serra Dourada e, de outro, pelo Morro do Cantagalo. A primeira se afastando e o segundo convergindo para a vila.

A Serra Dourada ganha altitude de leste para oeste, porém de forma quase imperceptível. Seu ponto culminante fica a oeste, em Buriti de Goiás, com 1.360 metros. As duas faces da Serra Dourada são bem diferentes, pois no sul ela se apresenta como uma encosta verdejante. Ao contrário, ao longo do lado norte de Goiás Velho, ela exibe longas escarpas em arenito que lhe dão um aspecto mais bonito e variado – é esta face que é chamada de espelho da serra.

Evidentemente, seu topo não é plano, ocorrendo depressões por onde é possível atravessá-la. Aliás, a rodovia que a contorna acaba cruzando-a numa baixada. São seis os locais de passagem, onde é possível fazer belas travessias, subindo por uma encosta e descendo pela outra. A mais praticada é a da Fazenda Quinta, que percorri entre muito sol e muita chuva.



O espelho da Serra Dourada (face norte), Goiás Velho, GO. Repare na relativa aspereza do ambiente de cerrado.

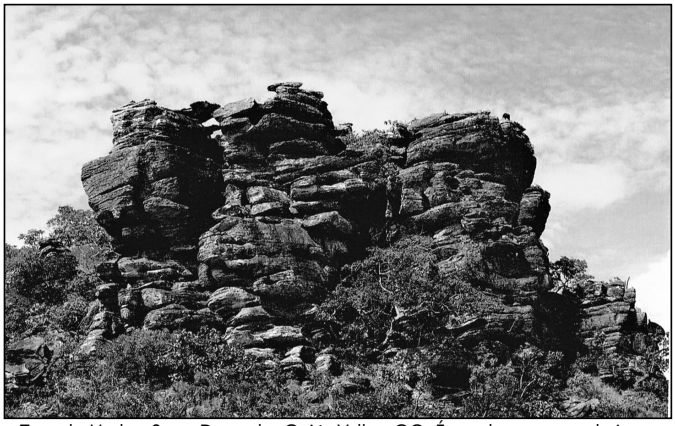
Nos vales no espelho (ou encosta) norte da serra encontrei discretos córregos que formavam deliciosos poços rústicos de águas frescas e limpas. Você vai achar este um ambiente muito interessante, com uma natureza intensa e agreste, não muito fácil de ser atravessada, devido ao calor úmido e às trilhas irregulares.

III

O mais conhecido local na Serra Dourada é a Estação Biológica, uma área minúscula operada há muito tempo pela UFG. Caminhadas curtas levam a um mirante, com uma vista panorâmica das colinas ao redor, e a um surpreendente vale de areia, em que a brancura desta é realçada pelas paredes castanhas do arenito.

É nesta região que fica o labirinto da Cidade de Pedra, com formações rochosas isoladas, de sugestivos perfis esculpidos pelo tempo, como costuma acontecer com o arenito. Existe em Pirenópolis – uma bela cidade histórica goiana não tão distante - outra Cidade de Pedra, com formações parecidas, embora talvez mais rústicas.

Certamente depois de um percurso árduo, em especial sob o tremendo clima goiano, você quererá experimentar as águas da região. De-



Toca do Urubu, Serra Dourada, Goiás Velho, GO. É um dos pontos culminantes desta bela serra.

pois, se entregue à farta culinária local e conheça os sabores amargo da guariroba e doce do pequi.

IV

Pode parecer estranha a necessidade de preservar a vegetação do cerrado, afinal é dos biomas mais comuns do Brasil. Entretanto, o avanço da agropecuária goiana torna esta situação cada vez mais precária.

Em Goiás, dados hoje um tanto antigos dizem que 60% do cerrado já foi retirado e 30% foi de alguma forma modificado – ou seja, agora só restaram 10% originais. Na Mata Atlântica, nos últimos dez anos foram em média desmatados 50 mil hectares/ano – imaginem então no cerrado, que é mais distante e menos vigiado.

A vegetação da serra mostra uma interessante variação, desde as matas de galeria da sua base e o cerrado denso de suas encostas, até os campos rupestres dos altos do platô. Talvez sua árvore mais rara seja o papiro, cujos galhos apresentam escamas brancas semelhantes a lâminas de papel.

Ao percorrer a serra, você encontrará pequis e lobeiras, sicupiras e barbatimões, ipês de variadas cores e palmeiras. E até mesmo árvores familiares da mata atlântica nas partes mais baixas e úmidas da serra. O aspecto árido e retorcido do cerrado oculta uma enorme riqueza vegetal, de uso alimentício ou medicinal. Tanto a rocha do arenito como a vegetação do cerrado, apresentam um característico aspecto rude e áspero.

Gostaria de fazer aqui um comentário acerca da convivência da fauna com a vegetação do cerrado. Nas formações da floresta amazônica e da mata atlântica, a estratificação vertical existente na flora em geral bastante alta costuma acolher diferentes espécies numa mesma árvore.

Este não é o caso das formações baixas e nem sempre folhadas do cerrado: é a diversidade espacial no sentido horizontal entre mata, campo e brejo que permite a ocorrência de uma fauna variada. Os principais animais são o lobo guará, o macaco guariba, o tamanduá bandeira, a jaguatirica e o tatu canastra – além das emas, jacutingas, araras e socós. Enquanto puderem sobreviver.

V

A cerca de 300 km a sudeste de Goiás Velho existe uma serra muito interessante. Ela fica perto de dois conhecidos pontos turístico: Caldas Novas e Rio Quente. Lá concorridos parques temáticos com banhos hidrotermais procuram imitar a natureza por eles substituída. Fiquei pensando como é curioso desfigurarmos a natureza para depois tentarmos recriá-la.



Desenho do perímetro do PE Serra de Caldas Novas, um curioso cilindro que se ergue acima dos campos goianos.

A serra é protegida por um pequeno parque natural, com pouco além de 10 mil hectares. – trata-se do PESCAN, que significa Parque Estadual da Serra de Caldas Novas. O Parque está encaixado como um tabuleiro exatamente entre as vilas de Rio Quente a oeste e Caldas Novas a leste. Sua área inclui não só o platô central, mas também as fraldas da serra, até chegar ao nível dos planaltos urbanos.

Esta serra é surpreendente, pois constitui um chapadão completamente plano com um perfeito desenho oval, circundado e fechado por escarpas em todo o seu perímetro. No seu interior não há nenhum curso d´água, apenas um cerrado duro, forte e retorcido na altitude de 1.000 metros.

É exatamente essa superfície que tem capturado há milênios as águas das chuvas, permitindo que se infiltrem a grandes profundidades pelas fraturas do quartzito existente - até que sejam aquecidas pela energia geotérmica e mineralizadas pela diluição das rochas, retornando à superfície como as nascentes quentes que fazem a delícia dos visitantes.



Parede da Serra de Caldas, GO, vista do lado oeste da vila de Rio Quente, um dos pontos turísticos da região.

VI

Gostaria de fazer um comentário final, que só me ocorreu após retornar de Caldas Novas. Refere-se ao visual aparentemente monótono do cerrado. Lembrei-me de duas ocasiões em que tive esta mesma impressão.

A primeira aconteceu ao atravessar a floresta amazônica, no rumo do Pico da Neblina. Ela me pareceu inicialmente homogênea - até que comecei a perceber a diferenciação por um lado entre a mata rala e alagada dos igapós e as densas formações das várzeas inundadas e, por outro, a impressionante floresta vertical de terra firme, a mata montana de árvores menores e, finalmente, as formações arbustivas de altitude, estranhamente povoadas por palmáceas.

De novo, a sensação de repetição me ocorreu no deserto verde do Jalapão. Mas, com o tempo, notei a diferença entre o cerrado mais alto, úmido e verde do seu centro, as vegetações mais secas e fechadas do iní-

cio e os cerrados de campo limpo entre ambos, em que os arbustos eram na realidade árvores anãs. E vi as cativantes veredas, formadas por várzeas de buritis, um panorama verdejante que contrastava com a sofrida vegetação ao redor.

Agora, percebo como eram distintos os cerrados das Serras Dourada e de Caldas. Este último, confinado num tabuleiro alto e seco, era composto por árvores pequenas, de poucas folhas, esparsamente dispostas num campo pálido, com limitado contraste de cores e pouca presença de flores. Já o primeiro tinha árvores mais fortes e expressivas, muitos arbustos floridos e gramíneas verdejantes, ao longo de campos ondulados, pedregosos e úmidos, com a formação de esplêndidas veredas de altas palmeiras.

Aprendi que o cerrado nunca é o mesmo.



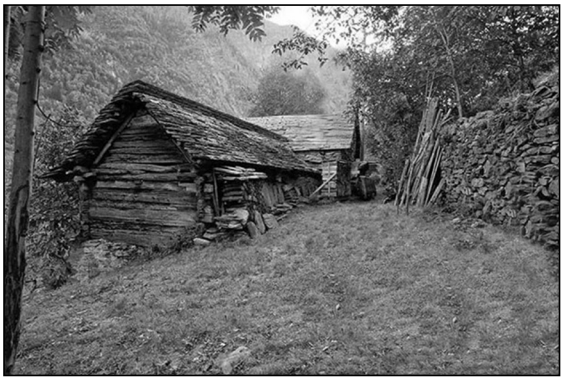
Pequizeiro

2
Mundo

A vida é uma estrada onde todos se encontram.
Maria Joaquina de Souza, esposa do Barão de Mauá

Estava lá há tanto tempo que quase ia esquecendo quando isso tinha começado, isolado naquela casa de troncos que pertencera ao Eremita. Poucos na vila lá embaixo, e mesmo nas encostas da serra, sabiam da real existência do Eremita. Uma das fantasias prediletas do vilarejo, era como uma lenda, como se nunca tivesse de fato existido. Uma fábula simpática para atrair e entreter os turistas.

Mas, com ele, fora diferente, porque tinha o hábito de escalar aquelas alturas, entre mata, cipó, fenda e pedra, durante horas de esforço solitário e silencioso. Como o Eremita. E, um dia, quase na crista da serra, eles se encontraram, e o Eremita lhe mostrou a sua ermida. Um espaço naturalmente rústico, criado a partir do casco das árvores, como uma cápsula feita de assoalho, parede e teto a partir de madeiras imemoriais, acinzentadas pelo tempo, à semelhança de pedras indestrutíveis.



A cabana do Eremita entre a mata e a pedra. Foi só depois de muito tempo que ele a encontrou, junto com seu ocupante.